Revista Diversidade e Educação

MASCULINIDADES PERFORMATIVAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

MASCULINIDADES PERFORMATIVAS EN LITERATURA INFANTOJUVENIL

PERFORMATIVE MASCULINITIES IN CHILDREN AND YOUTH'S LITERATURE

Edimauro Ramos[1]

RESUMO
Sustentada pela revisão bibliográfica, a pesquisa se encarrega de destacar pontos principais nas obras da literatura infantojuvenil "O menino de vestido", de David Walliams e "O menino que brincava de ser", de Georgina da Costa Martins, os quais implodem com os modelos hegemônicos de masculinidade, bem como, com as desigualdades proferidas por esses protótipos. O objetivo da pesquisa é de promover interlocuções e reflexões entre a literatura infantojuvenil e as masculinidades performativas. Conforme os desdobramentos possibilitados pelo aporte teórico, vislumbra-se que ambas têm atuado em consonância em prol da propagação do respeito às diversidades de gênero que permitem novas percepções acerca das masculinidades.
PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Literatura infantojuvenil. Performatividade.

RESUMEN
Con el apoyo de la revisión de la literatura, la investigación destaca puntos clave en las obras de literatura infanto juvenil "El chico del vestido" de David Walliams y "El niño que jugaba a ser" de Georgina da Costa Martins, que implosionan con los modelos hegemónicos de masculinidad, así como las desigualdades pronunciadas por estos prototipos. El objetivo de la investigación es promover interlocuciones y reflexiones entre la literatura infanto juvenil y las masculinidades performativas. De acuerdo con los desarrollos hecho posibles gracias a la contribución teórica, se puede ver que ambos han actuado en consonancia a favor de la propagación del respeto a la diversidad de género que permite nuevas percepciones sobre las masculinidades.
PALABRAS CLAVE: Masculinidades. Literatura infanto juvenil. Performatividad.

[1] Discente do curso de Pedagogia. Faculdades Integradas de Itararé – FAFIT. Itararé/SP.

(cc) BY-NC-SA

ABSTRACT
Supported by the literature review, the research highlights main points in the children and youth's literature books "The Boy in Dress", by David Walliams and "The Boy Who Played Being", by Georgina da Costa Martins, which implode with the models hegemonic masculinity, as well as the inequalities pronounced by these prototypes. The purpose of the research is to promote interlocutions and reflections between the children and youth's literature and the performative masculinities. According to the developments made possible by the theoretical contribution, it can be seen that both have acted in consonance in favor of the propagation of respect for gender diversity that allow new perceptions about masculinities.
KEYWORDS: Masculinities. Children and youth's literature. Performativity.

***

Considerações iniciais

O construto "gênero" nos permite avançar bem mais do que a exploração e problematização das relações de poder, as quais interpelam inúmeras esferas da sociedade, nos possibilitando, conforme Pinto, Meneghel & Marques, (2007), uma reflexão mais rica e intensa em torno das relações sociais. A ideia de masculinidade, as suas raízes de concepção e a sua hegemonia também se inserem nesses debates.

Quando Simone de Beauvior cunhou a célebre frase que "não se nasce mulher, torna-se" (1989), ela também abriu frestas para refletir e dialogar sobre a concepção sobre o masculino com o mesmo propósito, questionando sobre o que é ser homem e as justificativas do papel social do homem na sociedade, a qual cobra, reforça e exerce poder sobre as masculinidades que se desviam da hegemonia.

Todavia, pensar na masculinidade hegemônica nos remete, de imediato, na percepção que tais pressupostos são construídos culturalmente, bem como, remetem também à ideia de normalidade que é imaginada, arquitetada milimetricamente para instituir padrões que sejam consolidados através de performances masculinas que honrem e demarquem quem são e quem não são os homens ou meninos de verdade.

Nesse panorama, Grossi (2004) crê que é plausível falar em masculinidades, ou seja, em diferentes jeitos de ser homem na sociedade e Viana e Luz Ferrarini (2016) complementam que há múltiplas masculinidades coexistindo ao mesmo tempo. Tais masculinidades são esboçadas e estão presentes nos mais diferentes espaços e meios culturais. Com isso, esta pesquisa elenca a literatura infantojuvenil como uma possibilidade que contesta a noção de masculinidade hegemônica.

(cc) BY-NC-SA

Connell e Messerschmidt (2013), vindo ao encontro com o objetivo desta pesquisa, salientam que os estudos etnográficos careciam de adentrar em uma literatura voltada a questionar os papéis sexuais, confirmando assim a existência de uma multiplicidade de masculinidades, bem como, as complexidades que perpassam a construção do gênero para os homens.

A performatividade de gênero e das masculinidades que desnivelam as premissas hegemônicas pode ser identificada em inúmeras obras literárias e cinematográficas. Essa desestabilização, para Silva Júnior e Brito (2018), pode contribuir para a problematização dos preceitos reguladores do gênero que visam privilegiar certas formas de consolidação de corpos e expressões, sobretudo em torno dos meninos e jovens.

Contudo, essa pesquisa busca em duas obras da literatura infantojuvenil a performatividade dessas masculinidades, promovendo interlocuções entre as passagens e os enredos desses livros com as novas percepções em torno do ser homem e ser menino.

Aspectos metodológicos

A pesquisa se sustenta por meio da fundamentação teórica, onde "o objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações". (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

Através da revisão bibliográfica pertinente à temática masculinidade e sua interface com a literatura infantojuvenil, o artigo visa compreender a desestabilização dos traços da masculinidade hegemônica na mesma. Objetivou-se analisar livros infantojuvenis que foram publicados entre os anos de 2000-2014, os quais ainda são grandes referências no campo, pontuando passagens, falas e aspectos principais que delineiam outros olhares em torno dessas masculinidades na perspectiva contemporânea.

Explorando as fendas das masculinidades performativas, a pesquisa elenca dois livros que promovem essas rupturas e fomentam esse diálogo. Os livros analisados para a pesquisa foram "O menino que brincava de ser", de Georgina da Costa Martins (2000), e "O menino de vestido", de David Walliams (2014).

Masculinidades performativas e diálogos com a literatura infantojuvenil

(cc) BY-NC-SA

No contexto educacional, Simon (2016) aponta que a educação, a infância e a juventude tendem a moldar comportamentos que conservam grandes afinidades entre si. No que se refere ao cotidiano escolar, Junqueira (2009, p. 21), ao se referir aos esforços da masculinidade hegemônica nesse espaço, pressupõe que ela é "disputada, construída como uma forma de ascendência social de uns e de degradação de outros":

> Obrigar os que estão sendo provados a afirmarem diante dos demais suas virilidades por meio da violência física [...], de demonstrações de intrepidez e de atos voltados a degradar e depreciar o "outro" por meio de insultos e humilhações de cunho sexista, homofóbico ou racista, que agem como mecanismos psicológicos ou ritualísticos voltados a instituir ou a reforçar suas auto-imagens e identidades sociais masculinas e viris [...]. (JUNQUEIRA, 2009, p. 21)

Strey, Azambuja e Jaeger (2004, p. 29), ao abordarem sobre o parâmetro das masculinidades nesse contexto, robustecem que os "meninos que não conseguem corresponder a qualquer um dos estereótipos vigentes tanto em casa quanto na escola, estão fadados a encontrar algum caminho substitutivo para garantirem sua masculinidade".

Nesta perspectiva, o constante incentivo às condutas masculinizadoras que beiram a linguagem discriminatória carregada de machismo e homo/transfobia, corroboram para a ideia de que apenas esse estereótipo de masculinidade é aceitável e correto, logo, deve ser sempre regulado e exercido na escola. "Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir." (LOURO, 1997, p. 61)

Tomando como base a noção de performatividade de gênero tensionada por Judith Butler (2013) e o enfoque da Teoria Queer[2], é possível pensar não em um tipo, mas em um leque de possibilidades em ser e/ou performar-se homem, com fim de problematizar regulações, tensões e hegemonias inscritas nessas masculinidades. Judith Butler tece que:

> Dizer que o gênero é performativo significa dizer que existe uma determinada expressão e manifestação, uma vez que a aparência do

[2]A Teoria Queer e seus estudos, no que tangem à performance de gênero, "negam a heteronormatividade, a homonormatividade e a própria noção de tolerância, para pensar a categoria da diferença." (MISKOLCI, 2013). Assim sendo, a teoria Queer "significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier" (LOURO, 2008, p. 38).

(cc) BY-NC-SA

> gênero, muitas vezes, é confundida com um sinal de sua verdade interna ou inerente. O gênero está condicionado por normas obrigatórias que o fazem definir-se em um sentido ou outro (geralmente dentro de um quadro binário) e, portanto, a reprodução do gênero é sempre uma negociação de poder. (BUTLER, 2009, p. 322)

No entanto, alinhando as percepções das masculinidades que vislumbram outros horizontes identitários ao contexto dos espaços educativos em que as barreiras de gênero ainda estão concentradas, Arcari (2019) destaca a urgência de educar meninos para que descubram masculinidades positivas, novas formas de se relacionarem e se posicionar no mundo.

Martins e Brant (2016) ressaltam que, sendo uma ferramenta cultural e pedagógica, o livro pode desencadear diferentes experiências, além de propor uma extensão mais discursiva e crítica, sobretudo acima da perspectiva de gênero aqui discutida. Os autores Porto e Grazioli (2017), em seu artigo, refletem sobre a demanda e a importância de livros que tratem dessas temáticas para o público infantil, na qual podemos incluir também o público juvenil. Tais autores ainda notam que:

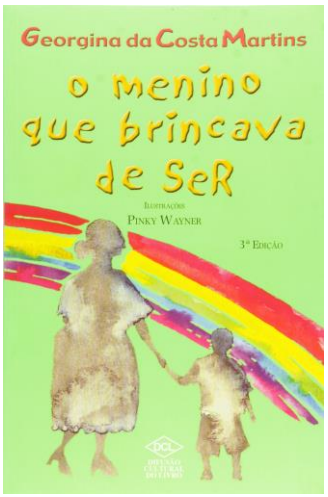
> É evidente que não é fácil escrever para crianças. Assim como não é fácil publicar livros que toquem em temas que problematizem as questões ligadas à heterogeneidade na constituição da família, ao feminismo, aos preconceitos, à diversidade étnica, à diversidade religiosa, e, principalmente, o grande temor dos profissionais da educação infantil: a diversidade de gêneros. (PORTO; GRAZIOLI, 2017, p. 42)

Teresa de Lauretis (1994, p. 209) se convence que "a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução". Endossando essa ideia, podemos inserir a literatura infantojuvenil nesse espectro tensionador, pois como nos aponta Silveira (2005), tais obras vêm tomar o lugar das obras de caráter pedagogizantes e para aproximar os leitores às temáticas cotidianas menos cercadas por concepções moralistas, promovendo a criticidade, ou seja, podem ser vias mais flexíveis de discutir e problematizar hegemonias.

A primeira obra que vem ao encontro com a percepção de uma masculinidade performativa, ou seja, que “sacode” os vestígios da (hetero)normatividade é “O menino que brincava de ser”, de Georgina da Costa Martins, que teve sua primeira edição publicada em 2000, com as ilustrações de Pinky Wainer.

(cc) BY-NC-SA

Figura 1: capa do livro 'O menino que brincava de ser':



Fonte:https://www.amazon.com.br/Menino-Brincava-Georgina-Costa-Martins/dp/8573384174

A história do livro gira em torno de Dudu, um menino no auge dos seus 6 anos de idade. Dudu era diferente: gostava de ser bruxa, fada, princesa, menina, e essa é a questão que o livro suscita: um menino que explora as possibilidades inimagináveis de ser criança e as sanções exercidas pelos seus pais e colegas por ele conflitar os ditames sociais e culturais impostos. Vale lembrar que obra foi adaptada para o teatro com o título homônimo, realizada pela Pandorga Companhia de Teatro.

No enredo, os pais de Dudu tentam, de todos os jeitos, fazer com que ele se familiarize com as brincadeiras, brinquedos e atitudes pertinentes ao universo construído socialmente como masculino, isto é, que ele possa assumir um papel de menino de verdade, segundo eles.

Em um trecho da história, o diálogo entre os pais de Dudu reforça e traz à tona a questão de normalidade de gênero, ou seja, o que se enquadra como normal e o que é visto como "problema":

> – Por causa dessas brincadeiras, resolvi levar o Dudu ao médico, pra ver se ele tinha algum problema.
>
> – Eu não falei que você estragava esse menino com cuidado demais? Tá vendo só? Agora ele quer ser menina. Meu Deus! Em que médico você o levou? O médico passou algum remédio, recomendou algum tratamento?

(cc) BY-NC-SA

> –Não, ele disse que o Dudu não tinha nada, que nessa idade isso é normal. Aliás, eu o levei em dois médicos e os dois disseram a mesma coisa.
>
> – Normal? Eu já tive seis anos e nunca me vesti de mulher. Meu pai não deixava a gente nem chegar perto das bonecas da minha irmã! (MARTINS, 2000, p. 18)

Nas palavras de Welzer-Lang (2001), de acordo com a situação ilustrada no diálogo, podemos refletir que existem os "anormais" e os "normais", os quais se aproximam e se adequam ao perfil dominante. Dudu escapa do padrão dominante, hegemônico, logo, tem suas condutas classificadas como transgressoras às normas.

Entre tentativas falíveis, o pai de Dudu tenta despertar no menino a paixão pelo futebol, um esporte defensor da masculinidade. Bandeira e Seffner (2013) destacam que no futebol a masculinidade é percebida com um atributo de suma importância e estimada entre os jogadores. Decepcionando os pais por desviar daquilo que eles concebem como correto e imutável, Dudu também é alvo de escárnio pelos colegas pela maneira de se portar, os quais zombam dele:

> – Mulherzinhaa! Vou te derrubar no campo. Nunca vi mulherzinha jogando bola. (MARTINS, 2000, p. 30)

Em outro trecho, os avós de Dudu foram visitá-lo e logo souberam que o menino estava com essas "fantasias" de ser menina e cruzar a fronteira do universo masculino para o feminino. A avó, dando um grande sermão em seu filho, culpabiliza o pai por não ter dado a devida atenção e educação "de homem" para seu neto:

> – Menino homem quem tem que educar é o pai. Quando vocês eram pequenos, seu pai nunca deixou brincar de boneca. Lembro de uma ocasião em que você chorou muito porque queria ganhar uma boneca igual à da sua irmã, mas nós não deixamos; só de pirraça, você ficou sem comer dois dias. (MARTINS, 2000, p. 36).

Nesta passagem, a responsabilização atribuída ao pai pelo contorno que Dudu faz às lógicas normativas de gênero robustecem ainda mais os ditames em torno da masculinidade hegemônica, nos quais o corpo masculino tem a incumbência de responder às expectativas e sofrer as devidas punições e correções. O corpo é, assim, o meio no qual são estruturadas as diferenças e simbologias de gênero. (GROSSI, 2004)

(cc) BY-NC-SA

No trecho também, há uma contradição histórica e social no que tange à educação dos filhos, na qual cabia apenas à mulher o encargo de cuidar da educação deles e nesta passagem a avó elucida que é encargo apenas do pai. Entretanto, como aponta Grossi (2004), a situação ideal e patriarcal difundida na época era de que a mulher cuidasse dos filhos e do lar enquanto o marido fosse o provedor e sustento da casa, visão essa que vem sido transformada desde então.

Apesar da ideia da fala da avó de Dudu se aproximar do discurso masculinista, é possível também inseri-lo no debate sobre a paternidade na ótica das masculinidades. Grossi (2004) percebe a paternidade como um elemento essencial para esse sentimento de ser homem, porém, ela não se configura no único elemento constituinte da identidade masculina.

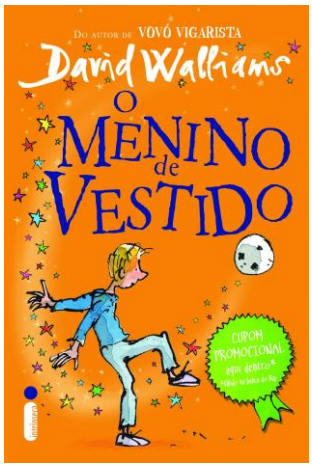
A situação se torna mais grave, não para Dudu, mas sim para os familiares, quando ele decide viver além das suas fantasias, e assume que quer ser uma menina, de fato. A amiga Mariana diz que ele deve buscar o arco-íris e passar debaixo dele. Em busca do arco-íris, com a companhia da avó, eles fazem uma parada e encontram um lugar onde todos os contos de fadas de Dudu se convergem. Este lugar era o teatro. No final das contas, Dudu queria ser um ator, para explorar as suas infinitas possibilidades de ser, se distanciando da ideia fixa e polarizada das identidades e gêneros que eram os motivos de sofrer represálias e preconceitos.

A lição que Dudu deixa no final, mesmo ao aproximar esse enredo à uma expressão mais artística e plural que se caracteriza uma das premissas das artes cênicas, é a reflexão de que, como articula Ganem (2019, p. 204) as “questões de gênero, classe e raça permeiam a tessitura de uma dramaturgia coletiva impactante, revelando as violências por trás dos discursos controladores, hegemônicos e heteronormativos produzidos diariamente.”

O segundo e último livro elencado nessa perspectiva no debate e na problematização das masculinidades hegemônicas na ótica das masculinidades performativas é “O menino de vestido”, do autor britânico David Walliams (2014).

Figura 2: capa do livro ‘O menino de vestido’:

(cc) BY-NC-SA



Fonte:https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/teen/literatura/o-menino-de-vestido-42234888

Nesta obra nos encontramos com Dennis, um garoto de 12 anos que não leva uma vida muito fácil: foi abandonado pela mãe, tem desavenças constantes com o irmão e o pai se sente deprimido. Além desses conflitos, é proibido mencionar o nome da mãe em casa, chorar ou abraçar uns aos outros. Entretanto, ele busca refúgio e prazer em duas atividades que o fazem feliz: jogar futebol, pois ele é artilheiro do time do colégio e ver lindos vestidos na sua revista favorita. A primeira edição desta obra foi publicada em 2014, composta pelas ilustrações de Quentin Blake e a tradução de Edmundo Barreiros.

Dennis sente falta da mãe constantemente, o que faz com que ele chore e burle a regra da casa estipulada pelo pai. Certa noite, no quarto em que dividia o sono com o irmão, Dennis chorava incontrolavelmente e os seus soluços acordaram John que perguntou:

> – Dennis? Dennis? Por que está chorando agora? – perguntou o irmão de sua cama.
> – Não sei. É só que...eu... eu queria que a mamãe estivesse aqui [...]
> – [...] Ela nunca mais vai voltar, Dennis. Agora para de chorar. Isso é coisa de menina. (WALLIAMS, 2014, p. 15-16).

Neste trecho, a última fala do irmão, mesmo que de forma simplista na tentativa de fazer Dennis parar de chorar, mas carregada de concepções, vemos a face hegemônica da masculinidade sendo reforçada, uma vez que, uma de suas premissas é uma masculinidade em que não é permitido, como nos ilustra Matos (2001, p. 52) “nunca chorar, calar o sofrimento e sentimento, não cantar, não ficar deprimido, amputar parte de si, do corpo e do coração, emoções e sentimentos.”

(cc) BY-NC-SA

Em outra passagem, o pai de Dennis se exalta e fica extremamente furioso ao encontrar um exemplar da revista Vogue, uma revista estimada no universo da moda, debaixo do colchão de sua cama. A revista era como Nárnia para Dennis, ou seja, uma escapatória, onde ele se deleitava contemplando os lindos bordados, texturas e estampas dos mais belos vestidos. Só que esse refúgio foi arruinado quando o pai encontrou sua revista. Na tentativa de tentar explicar ao pai, ele responde incrédulo:

> – Estou vendo que é a Vogue. O que eu quero saber é por que o meu *filho* quer ler uma revista de moda?
> Parecia uma pergunta, mas havia tanta raiva e força na voz do pai que Dennis não sabia se realmente deveria responder. Não que ele conseguisse pensar em alguma resposta, na verdade. (WALLIAMS, 2014, p. 40)

A representação da moda como foi ilustrada no trecho e na fala do pai se choca diretamente com os arautos da masculinidade hegemônica, uma vez que Dennis estava adentrando em um universo tido como feminino. Podemos contextualizar essa noção do pai em relação à moda ao pensamento instaurado no século XVIII, no qual a homossexualidade passou a ser condenada e o homem passou a ser neutro no quesito da moda e do luxo, como observa Soraya Barreto Januário que:

> Neste período houve uma transferência de significado de detenção de poder e posse; o masculino deixou de ostentar nas suas roupas o luxo que pode comprar. Este foi transferido para a sua mulher e filhas. Talvez, nesse fato resida a justificação para a vaidade ser uma prerrogativa feminina, principalmente, quando se fala de moda e estética. (JANUÁRIO, 2016, p. 130)

Os confrontos de Dennis se acentuam em um momento de repreensão após cabecear uma bola na janela do diretor de seu colégio. Ele se encontra com Lisa James, uma das garotas mais fashionistas da escola, na detenção. Após a detenção, ambos descobriram que poderiam conversar sobre moda um para o outro, então foram os dois rumo às suas casas conversando sobre peças de roupa e sobre John Galliano, estilista britânico de alta costura.

Lisa fez com que Dennis aceitasse a proposta dela de se transformar por completo em uma garota e a se passar por uma amiga francesa e estudante de intercâmbio. E o que era para ser apenas um momento de adrenalina e de diversão, passa ser uma batalha para compreender a inocência e o olhar desconstruído não só do

(cc) BY-NC-SA

garoto, mas dos colegas também. Ao ser descoberta a sua identidade falsa, Dennis foi expulso da escola e do time de futebol que teria um jogo importante nos próximos dias.

A questão de Dennis usar um vestido e se passar por uma garota foi, no primeiro momento, aterrorizante para os personagens masculinos, pois para Connell e Messerschmidt (2005) o corpo do homem foi projetado e encaminhado para seguir a heterossexualidade e a sua normatividade, onde nenhuma falha deve ser identificada nessa trajetória.

Mas o inesperado acontece: os colegas do time, desesperados que ele volte ao time para aumentar a força para virar o placar do jogo, fazem uma espécie de protesto em campo e desfilam os mais diferentes e formosos modelos de vestidos no lugar do uniforme tradicional do jogo, deixando todos surpresos e fervorosos na mesma intensidade.

Em suma, a vestimenta passou apenas a ser um detalhe, no final de contas. A performatividade de gênero, ou seja, essa arbitrariedade de transitar ou se desprender entre as heteronormas de gênero, subverteram a fragilidade e toxidade culturalmente reforçadas nos meninos de ambas as histórias problematizadas.

Facilmente, em ambos os livros, os meninos de vestido, de brincos e colares foram associados à homossexualidade, o que se torna insustentável, uma vez que, na visão de Soeith e Pedro (2007) a performatividade do gênero é um resultado discursivo, já o sexo é tido uma consequência do gênero nessa perspectiva. A performatividade "designa aquilo que é criado, dentro de determinada situação, por meio da enunciação." (RAJAGOPALAN, 1990, p. 226).

Butler (2013, p. 56), que se debruça nos Estudos de Gênero na perspectiva performativa acrescenta e firma que o gênero é "performaticamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero", isto é, não existem identidades ou sexualidades que ditem ou precedam as expressões de gênero, pois o gênero é construído na e por meio da performance.

Considerações finais

Nas duas obras analisadas é perceptível o contraste com as masculinidades performativas, ou seja, masculinidades que burlam o aparato hegemônico e normativo. De forma compreensível e palpável, as obras oferecem um panorama que não nos é estranho comparado à contemporaneidade, no que tange à regulação dessas performances, ao mesmo tempo que também suscita um emblema que tem sido

(cc) BY-NC-SA

discutido nos debates e estudos sobre as masculinidades e suas gamificações: a ideia de masculinidade tóxica, a qual, como ratifica Kupers (2005), está estreitamente associada aos parâmetros hegemônicos que visam a validação do poder por meio de abordagens destrutivas.

É impossível não contextualizar o tensionamento desses livros da literatura infantojuvenil com o panorama contemporâneo, onde a censura mostrou mais uma vez a sua face. Na Bienal do Livro no Rio de Janeiro, obras literárias voltadas para os temas que abordavam ou representavam a homossexualidade, a homoafetividade e as diversidades de gênero foram confiscadas. Se estes dois livros estivessem expostos na Bienal, também teriam os mesmos destinos e as mesmas sentenças: silenciamento e invisibilidade, além de preconceitos de múltiplas naturezas.

Explorar e suscitar a potencialidade problematizadora desses elementos culturais e pedagógicos por meio de projetos e momentos de leitura e reflexão pode, em detrimento à estigmatização e ao pânico, oportunizar a ressignificação dos ditames que têm perpassado gerações e que são obsoletos perto da perspectiva pós-estruturalista que somos transpassados no cotidiano. Promover o debate sobre essas masculinidades não visa derrubar ou extinguir a masculinidade hegemônica, mas sim, promover distanciamentos de noções que impedem a compreensão polissêmica que envolve as masculinidades e as suas performatividades.

Referências

ARCARI, Caroline. Empoderamento de meninas e masculinidades positivas. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.) *A conversa sobre gênero na escola:* aspectos conceituais e político-pedagógicos. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2019.

BANDEIRA, G. A; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Revista Espaço Plural*, ano XIV, nº 29, 2º Semestre 2013, p. 246 – 270. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944242012.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo* 1: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero***:** feminismo e subversão da identidade. Trad. de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

(cc) BY-NC-SA

_____. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Madrid, v. 4, n. 3, sep./dec. 2009, p. 321-336. Disponível em: < http:// www.redalyc.org/articulo.oa?id=62312914003>. Acesso em: 03 set. 2019.

CONNELL, R. W., MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2013000100014&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 28 ago. 2019.

DESLAURIERS J. P. *Recherche qualitative*: guide pratique. Québec (Ca): McGrawHill, Éditeurs, 1991.

GANEM, Bruno. Gênero e sexualidade em cena: percepções e possibilidades do teatro na escola. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.) *A conversa sobre gênero na escola:* aspectos conceituais e político-pedagógicos. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2019.

GROSSI, M. P. *Masculinidades*: uma revisão teórica. Florianópolis: UFSC, 2004.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. *Masculinidades em (re)construção:* Gênero, Corpo e Publicidade. Covilhã: Labcom.ifp, 2016.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.) *Diversidade Sexual na Educação*: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: UNESCO – Representação no Brasil, Ministério da Educação: SECADI, 2009.

KUPERS, T. A. Toxic masculinity as a barrier to mental health treatment in prison. *Journal Of Clinical Psychology*, [s.l.], v. 61, n. 6, p.713-724, 2005. Wiley. http://dx.doi.org/10.1002/jclp.20105.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, H. (org.) *Tendências e impasses*. O feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, G.L. *Gênero, sexualidade e educação:* uma perspectiva pós- estruturalista. RJ, 16ª ed. Editora Vozes, 1997.

_____. *Um corpo estranho:* ensaios sobre sexualidade e teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, Georgina da Costa. *O menino que brincava de ser*. 4ª edição, São Paulo; Editora DCL, 2000.

MARTINS, M. Z.; BRANT, T, F. Livros infantis, gênero e práticas corporais: uma proposta pedagógica em educação física a partir do livro Leila Menina. *Revista Kinesis*. Vol. 34 nº 1, Jan-Jun 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/22232. Acesso em: 04 set. 2019.

(cc) BY-NC-SA

MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. *História: questões & debates*, v. 34, n. 1, 2001. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2658/2195. Acesso em: 02 set. 2019.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer*: um aprendizado pelas diferenças. Autêntica, 2013.

PINTO, A. D. C., MENEGHEL, S. N., & MARQUES, A. P. M. K. Acorda Raimundo! Homens discutindo violências e masculinidade. *Rev. Psico*. 38(3), 238-245; 2007.

PORTO, P. C. P; GRAZIOLI, F. T. Não na frente das crianças: a diversidade de gênero na literatura infantil. *Revista Professare*, v. 6, n. 3, p. 29-48, 2017. Disponível em:https://periodicos.uniarp.edu.br/professare/article/view/1346/732.Acesso em: 04 set. 2019.

RAJAGOPALAN, K. *Dos dizeres diversos em torno do fazer.* D.E.L.T.A., São Paulo, v. 6, n.2, 1990.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Leitura, Literatura e Currículo. In: COSTA, Marisa Vorraber. *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço; BRITO, Leandro Teofilo. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. *Askesis,* v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/308. Acesso em: 01 set. 2019.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. *Revista Estação Literária.* Londrina, Volume 16, p. 8-28, jun 2016. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL16-Art1.pdf. Acesso em: 03 set. 2019.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. The emergence of the research on Women's History and Gender Relations. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

STREY, Marlene Neves; AZAMBUJA, Mariana Porto Ruwer de; JAEGER, Fernanda Pires. (Org.). *Violência, Gênero e Políticas Públicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VIANA, Marcos Alan; LUZ FERRARINI, Norma. A lacuna moral na educação de meninos: o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil. *Revista Psico FAE: Pluralidades em Saúde Mental,* v. 5, n. 1, p. 13-30, 2016. Disponível em: https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/download/85/52. Acesso em: 20 ago. 2019.

WALLIAMS, David. *O menino de vestido*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Intrínseca. 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas,* Florianópolis, n. 9, p. 460-482, 2001.

Recebido em outubro de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.

(cc) BY-NC-SA